


AUTORA DO BEST-SELLER A SOCIEDADE DE ATLAS

OLIVIE BLAKE

NÓS
DOIS
SOZINHOS
NO ÉTER





NÓS
DOIS
SOZINHOS
NO ÉTER
OLIVIE BLAKE

Tradução de Carlos César da Silva



inrínseca



Copyright do texto © 2022 by Alexene Farol Follmuth
Publicado mediante acordo com St. Martin's Publishing Group.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Alone With You in the Ether

PREPARAÇÃO
Gabriela Peres

REVISÃO
Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Jamie Stafford-Hill

IMAGENS DE CAPA
Daniel Prudek

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mender

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

b568n

Blake, Olivie, 1988-
Nós dois sozinhos no éter / Olivie Blake ; tradução Carlos César da
Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
336 p. ; 21 cm.

Tradução de: Alone with you in the Ether
ISBN 978-65-5560-628-7

1. Romance americano. I. Silva, Carlos César da. II. Título.

23-84446

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

para o antigo você,
do meu antigo eu

uma hipótese 9

Parte um, os momentos de antes. 13

Parte dois, conversas. 61

Parte três, chaves. 149

Parte quatro, as primeiras vezes. 211

Parte cinco, variáveis. 251

Parte seis, distorções. 289

agradecimentos 331

UMA HIPÓTESE

SOBRETUDO NO INÍCIO, REGAN por vezes tentava identificar o momento em que as trajetórias deles se encaminharam para uma colisão inevitável. Momentos haviam adquirido uma importância imensa para ela, maior do que nunca. Considerando que Aldo fora o responsável por remodelar suas linhas de raciocínio, provavelmente também era o culpado por ela analisar tudo em termos de tempo.

Sua própria hipótese era bastante elementar: havia um único momento responsável por cada acontecimento subsequente. Regan não era fanática por ciência como Aldo — e com certeza também não era um gênio como ele —, mas sua ideia de causalidade era um tanto metódica. Cada coisa tinha seu ponto de partida, e ela passou a praticar um jogo (provavelmente roubado dele) que consistia em tentar identificar a gênese daquilo tudo.

Será que tudo havia começado na primeira troca de olhares? Quando Aldo pronunciou o nome dela, ou quando lhe revelou o seu? Ou então quando Regan disse: Levante-se, você não pode se sentar aí? Ou não tinha absolutamente nada a ver com Aldo? Será que até mesmo aquele momento advinha de algo começado dias, semanas ou vidas antes?

Com Regan, tudo se resumia ao sagrado. Nas folgas entre as visitas guiadas, gostava de perambular por suas partes favoritas do Instituto de Arte, quase sempre escolhidas para combinar com a religiosidade de seu estado de espírito. Isso não significava que ela gravitava em direção a artes sacras especificamente; na maior parte do tempo, buscava alinhar seus anseios com o deus (que às vezes era Deus, mas nem sempre) sendo idolatrado por trás da moldura

polida. Nas pinturas católicas antigas, ela procurava admiração. Nas obras modernas, elegância. Nas contemporâneas, a vibração do movimento. As próprias divindades tinham mudado com o tempo, mas não o ato de devoção. Essa era a agonia da arte e a idolatria perpétua de sua criação. Para cada sensação de Regan, existia um artista que havia passado por aquele mesmo sofrimento e criado algo belo.

Suas andanças eram previsíveis — uma constante, como Aldo diria —, mas o arsenal, naquele dia, a surpreendeu. No passado, quando Regan escolhia visitar o arsenal, era porque o ambiente representava a sacralidade do propósito: não havia um pingo de frivolidade ali, apenas uma paz irônica; projéteis vazios, paredes vermelhas berrantes, fósseis de conquistas. Isso a lembrava de uma época em que as pessoas ainda praticavam a violência olho no olho, o que lhe dava uma sensação paradoxal de calma. Era íntimo porque não era. Era religioso porque não era. Era bonito porque, no fundo, era perturbador, desumano e vil, e, portanto, refletia algo masoquista na própria Regan.

Sua escolha pelo arsenal naquele dia continha Importância; teria um efeito cascata de Consequência a nível cósmico. Mas qual havia sido a causa? Será que ela encontrou Aldo ali por ação do destino, ou porque os dois tinham formas semelhantes de ruminação? Foi um acontecimento forçado, uma intervenção divina, ou apenas faltava nela o mesmo que faltava nele e, assim, era inevitável que ambos buscassem ser preenchidos?

Será que importava onde havia começado e onde terminaria? Talvez a resposta fosse sim, importava muito, porque tudo era consequência de alguma coisa e, portanto, o que se passou entre eles estava predeterminado, ou talvez a resposta fosse não, não tinha a menor importância, porque inícios e fins não significavam tanto quanto os momentos que poderiam ter existido ou os desfechos a que poderiam ter chegado. Talvez saber a história completa fosse tudo, poder olhar para trás e enxergar seu formato a partir

da periferia; ou talvez não fosse nada, porque as coisas em sua totalidade eram menos frágeis e, portanto, menos belas do que as peças dentro da moldura.

No final, Regan saberia a resposta. Dobrando a esquina, ela viria a reconhecer que não era bem uma questão de quando tudo havia acontecido, e sim de se entregar quando já não havia como voltar atrás. No fim das contas, era sempre uma questão de tempo, assim como no começo.

Porque, pela primeira vez, em um momento que poderia significar tudo ou nada, havia outra pessoa no universo de Regan, e a partir de então tudo continuaria igual, só que um pouco diferente.



PARTE UM

OS MOMENTOS DE ANTES.





O DIA ANTERIOR NÃO tinha sido especial. Só era notável por ter sido tão pouco especial, ou talvez porque viria a parecer assim muito em breve. As coisas sempre pareciam mais estranhas em retrospecto, o que era uma consequência engraçada do tempo.

Aldo, que quase não era chamado pelo sobrenome, Damiani, e menos ainda por seu nome de nascença, Rinaldo, tinha enrolado um baseado cinco minutos antes de mergulhar em uma meditação silenciosa. Ele girava o cigarro entre os dedos, encarando o nada.

CENA: O clima da tarde está fresco e ameno como só acontece em Chicago por cerca de uma semana em meados de setembro. O sol está forte, a pino, e as folhas das árvores acima do rapaz estão sossegadas.

AÇÃO: ALDO leva o baseado aos lábios, umedecendo a seda que o reveste.

O baseado não estava aceso, porque ele estava pensando. Tinha ido ao parque para ficar naquele banco e resolver uma questão, e estava sentado ali havia dez minutos — pensando por nove e meio, bolando por quatro e depois fingindo fumar por uns bons trinta segundos. Aldo sempre acreditava que a memória muscular era a chave para abrir qualquer porta emperrada. O ato de resolver questões era, para ele, tão supersticioso quanto qualquer outro.

ALDO olha para a plateia. Percebendo que não há nada que requer sua atenção, ele desvia o olhar.

A mecânica de seu ritual era simples: levar o baseado aos lábios, inalar, soltar o ar, abaixar a mão. Essa era a fórmula. *Fórmulas* ele conseguia entender. Aldo levou o baseado aos lábios, inalou e soltou o ar a esmo.

Uma BRISA passa pelas folhas acima dele.

O polegar direito de Aldo tamborilava na coxa ao ritmo de “In the Hall of the Mountain King”, de Grieg,

Toca a trilha sonora.

que então contagiou os outros dedos. Eles batucaram a costura da calça jeans, impacientes, enquanto a mão esquerda continuava os movimentos de falso-fumo.

Aldo estava pensando em grupos quânticos. Especificamente, em hexágonos. Ele acreditava piamente que o hexágono era a forma mais significativa da natureza, não apenas por seu apreço pela *Apis* — comumente conhecida como abelha —, embora isso influenciasse sua convicção. A maioria das pessoas não tinha ideia de quantas espécies de abelhas existiam. A mamangaba era lenta e tola a ponto de ser possível fazer carinho nela, o que era fofo, mas pouco interessante.

O NARRADOR, UM HOMEM VELHO, ARTRÍTICO E EM POSSE DE MUITOS LIVROS:

Interrompemos sua análise dos pensamentos intrusivos de Aldo Damiani para fornecer algumas informações acadêmicas necessárias. O grande Kurt Gödel, um lógico do século XXI que era amigo de Albert Einstein, acreditava que um trajeto contínuo de “cones de luz” em direção ao futuro significava que uma pessoa sempre poderia retornar ao mesmo ponto no espaço-tempo. A tese essencial de Aldo Damiani é que esses cones viajam de maneira metódica, talvez até previsível, ao longo de caminhos hexagonais.

Hexágonos. Grupos quânticos. Simetria. A natureza amava o equilíbrio, sobretudo a simetria, mas raramente o alcançava. Quantas vezes a natureza criava a perfeição? Quase nunca. Com a matemática era diferente. A matemática tinha regras, finitas e concretas, mas se estendia a perder de vista. A dor e a beleza da álgebra abstrata era que Aldo a estudava a fundo havia mais de sete anos, e poderia estudá-la por mais sete milhões e ainda não entenderia quase nada. Poderia passar vidas infinitas analisando as bases matemáticas do universo, e o universo ainda não faria sentido. Em duas semanas, talvez nevasse, ou talvez chovesse, e então o parque não estaria mais disponível. Ele poderia ser preso por seu não fumo ou morrer a qualquer momento, e então teria que pensar atrás das grades ou seus devaneios cessariam por completo, e o universo continuaria sem resposta. Sua pesquisa nunca terminaria, e isso era trágico, emocionante, perfeito.

Bem na hora,

DE DENTRO DO BOLSO DE ALDO: uma vibração que faz a plateia tatear o próprio bolso, por instinto.

seu pai ligou.

Aldo guardou o baseado no bolso e pegou o celular.

— Alô?

— Rinaldo. Cadê você?

Havia uma resposta longa e uma curta, e Masso provavelmente insistiria que ele detalhasse as duas.

— Trabalhando.

— Na universidade?

— Isso, pai. Eu trabalho na universidade.

— Hm. — Masso já sabia disso, mas a pergunta era outro ritual. — Em que está pensando hoje?

— Abelhas — respondeu Aldo.

— Ah. O de sempre, então?

— É, algo do gênero.

Nunca havia uma maneira simples de explicar em que ele estava trabalhando. Era gentil o pai perguntar, mas ambos sabiam que ele não entendia boa parte do que Aldo tinha a dizer.

— Está tudo bem, pai?

— Sim, sim, tudo bem. Como está se sentindo?

Havia uma resposta certa para essa pergunta e muitas, muitas respostas erradas. Essa questão, assim como os grupos quânticos, não ficava mais fácil a cada vez que Aldo a encarava. Na verdade, quanto mais analisava os cenários, mais as variáveis mudavam. Como estava se sentindo? Já se sentira mal no passado. E voltaria a se sentir mal no futuro. Era um ciclo tão oscilante quanto o clima. Vai chover daqui a duas semanas, pensou ele.

O VENTO sopra com mais intensidade, passando por entre as folhas.

— Estou bem — respondeu Aldo.

— Que bom.

Masso Damiani era chef de cozinha, pai solo e propenso à preocupação, exatamente nessa ordem. Pensava bastante no universo, assim como Aldo, mas de um jeito diferente. Perguntava ao universo quanto de sal colocar na água fervente, ou se essa ou aquela vinha produziria os frutos mais doces. Nem precisava olhar para saber quando o macarrão estava pronto, provavelmente graças ao universo. Masso tinha o dom da certeza e não precisava de nenhuma superstição.

A mãe de Aldo, uma mulher dominicana cheia de vida, jovem demais para a maternidade e bela demais para passar muito tempo no mesmo lugar, nunca esteve presente. Se ela já tinha feito algum pedido ao universo, Aldo imaginava que provavelmente fora concedido.

— Rinaldo?

— Estou ouvindo — falou Aldo, mas na verdade quis dizer “estou pensando”.

— Hm — disse Masso. — Conseguiu ir ao museu?

— Quem sabe amanhã. Hoje o dia está bonito.

— Ah, é? Que bom. Coisa rara.

SILÊNCIO.

Masso pigarreou.

— Diga, Rinaldo, o que vamos fazer hoje?

Os lábios de Aldo se contraíram de leve.

— Não precisa fazer isso toda vez, pai.

— Mas ajuda, não?

— Sim, é claro que ajuda, mas sei que o senhor está ocupado.

— Aldo checou o relógio. — Já está quase na hora do almoço aí.

— Mas ainda tenho uns dois minutos.

— Dois minutos?

— No mínimo.

ALDO cantarola para si mesmo, pensativo.

— Bem — começou Aldo —, acho que hoje estamos no mar.

— Em que ano?

Ele refletiu por um instante.

— Quando foi a Guerra de Troia?

— Por volta do século... XII a.C.?

— Isso. Nesse ano.

— Estamos lutando, então? — perguntou Masso.

— Não, estamos partindo, acho. Em uma jornada.

— Como está o vento?

— Fraco, ao que parece. — Aldo pegou o baseado entre os dedos de novo, girando-o devagar. — Acho que vamos ficar no mar por bastante tempo.

— Bem, então acho que terei que descobrir amanhã.

— Não precisa, pai.

ALDO diz isso todo dia.

— Certo, talvez eu não pergunte amanhã, então.

MASSO também.

— Qual é o especial do dia? — indagou Aldo.

— Ah, *porcini*. Você sabe como eu gosto de marcar a estação com trufas.

— Vou deixar você trabalhar, então.

— Certo, boa ideia. Vai voltar agora?

— Sim, tenho que dar aula daqui a pouco. Às três.

— Bacana, bacana. Rinaldo?

— Sim, pai?

— Você é brilhante. Diga à sua mente para ser gentil com você hoje.

— Certo. Obrigado, pai. Aproveite os cogumelos.

— Sempre.

Aldo desligou e guardou o celular no bolso. Nenhuma questão resolvida naquele dia, infelizmente. Ainda não. Quem sabe amanhã. Ou no dia seguinte. Talvez só dali a meses, anos, décadas. Por sorte, Aldo não era imediatista. Antigamente, essa característica frustrava as pessoas em sua vida, mas ele já tinha se livrado da maioria delas a essa altura.

Ele olhou por cima do ombro para a motocicleta,

OBJETO CENOGRÁFICO: uma Ducati Scrambler de 1969.

que conseguia passar com tranquilidade pelo tráfego e por pedestres e, na opinião de Aldo, pelo tempo e espaço também. Ele não

entendia por que as pessoas preferiam ter carros em vez de motos, a menos que fosse pela aversão à possibilidade de acidentes. Ele tinha quebrado o braço certa vez, o que lhe rendera uma cicatriz na lateral do ombro.

Se fosse uma pessoa imediatista, ele montaria na moto e iria até o lago Michigan. Por isso, talvez fosse melhor não ser assim. Aldo era o tipo de pessoa que pensava “quem sabe amanhã”, então enfiou o baseado de volta no bolso e pegou o capacete que estava no banco.

ALDO se levanta e respira fundo, pensando sobre hexágonos.

Quinas, pensou. Um dia desses ele chegaria numa esquina e teria algo novo do outro lado; algo parecido com isso, mas diferente em cento e vinte graus. Ele imitou um pivô de boxe para a esquerda, acertou um gancho de esquerda e depois chutou um pouco a grama.

Quem sabe amanhã tudo fosse diferente.

Enquanto isso, Regan tinha começado aquele mesmo dia com um sobressalto, sentando-se na cama.

CENA: Uma suíte luxuosa. Sapatos deixados pelos cantos. Roupas espalhadas por toda parte. Qualquer mãe torceria o nariz para aquele lugar.

AÇÃO: REGAN semicerra os olhos para o relógio, que marca o horário abismal de 14h21.

— Estou fodida — anunciou Regan para o quarto.

Ao lado dela, Marc se revirou com um grunhido. Conseguiu, com muita dificuldade, emitir uma série de sons masculinos ininteligíveis. Regan presumiu que fossem uma versão de “desculpe, querida, pode me explicar, por favor?” e deu uma resposta:

— Vou me atrasar.

— Pro quê?

— Pra merda do meu trabalho, Marcus — retrucou Regan, jogando as pernas para fora da cama e se levantando, meio cambaleante. — Sabe, aquele negócio que eu faço de vez em quando?

— O Instituto não tem aqueles... Como chama mesmo? — balbuciou Marc, enfiando a cara de volta no travesseiro. — Sabe? Aquelas... Aqueles radinhos. Para quem não consegue ler as placas.

— Guias de áudio? — perguntou Regan, pressionando a têmpora com uma das mãos. O latejar intenso era sinal de que a cabeça condenava suas péssimas escolhas. — Não sou uma guia de áudio em forma humana, Marc, sou *guia profissional* no museu. Por mais estranho que pareça, podem sentir minha falta se eu não der as caras.

A NARRADORA, UMA MULHER DE MEIA-IDADE COM UMA SÉRIA INTOLERÂNCIA A TOLICES: Charlotte Regan é graduada em história da arte e costuma dizer que já tentou fazer arte, o que é de muitas maneiras um eufemismo. Ela se formou na universidade com as melhores notas da turma, o que na época não foi surpresa para ninguém; talvez apenas para sua mãe, que considera o êxito em um programa de artes equivalente a, por exemplo, ganhar uma competição de cães. Charlotte Regan não era como sua irmã mais velha, Madeline, formada em medicina com as melhores notas, mas isso, é claro, não vem ao caso. Atualmente, Charlotte Regan trabalha como guia no Instituto de Arte de Chicago, um cargo disputado em um dos museus mais antigos e importantes dos Estados Unidos. A mãe de Charlotte diria que está mais para um trabalho voluntário metido a besta do que para um emprego, mas isso também não é relevante no momento.

Embora muitas coisas fizessem Regan sentir #gratidão,

A NARRADORA, EM TOM DE DESAPROVAÇÃO: Ela está sendo sarcástica.

o primeiro item da lista era seu cabelo, caracteristicamente perfeito, e sua pele, bastante resistente às consequências de seu estilo de vida. Em termos genéticos, ela havia sido feita para acordar tarde e sair de casa às pressas. Uma camada de rímel dava conta, e talvez um toquezinho de blush, só para diminuir a aparência de morta. Ela pegou um de seus vestidos pretos justos e um par de sapatilhas da mesma cor, e girou o anel de Claddagh no dedo. Em seguida, foi atrás dos brincos de granada que havia roubado do quarto da irmã depois da formatura da faculdade: as pequenas pedras em forma de lágrima que davam a impressão de que suas orelhas choravam sangue.

Ela fez uma pausa para analisar seu reflexo com uma ambivalência aguçada. As olheiras haviam piorado visivelmente. Por sorte, tinha recebido os genes da juventude eterna oriundos da Ásia Oriental da mãe e um fundo fiduciário do pai que fazia as pessoas pensarem duas vezes antes de rejeitá-la, então não importava se ela dormia bem ou não. Regan prendeu o crachá no peito, espetando o polegar apenas uma vez durante o processo, e parou para observar o resultado.


— Oi — disse ela para o espelho, praticando o sorriso. — Sou Charlotte Regan, e vou ser sua guia no Instituto de Arte hoje.

— O quê? — perguntou Marc, ainda sonolento.

— Nada — respondeu ela por cima do ombro.

Tinham transado na noite anterior até atingirem resultados moderadamente satisfatórios, embora Marc nunca ficasse muito duro quando usava tanta cocaína. Mas, pelo menos, Regan tinha voltado para casa com ele. Pelo menos tinha chegado na própria casa. Houve um momento em que ela poderia ter feito outra escolha, em que um estranho no canto do salão talvez parecesse a opção mais interessante, e em que ela talvez se arriscasse a ir até ele. Ela só precisaria dar uma risadinha forçada, dizer com malícia “vamos embora daqui, Estranho”, e teria sido tão fácil. Um milhão de possibilidades se ramificavam como uma teia de aranha: Regan não teria ido para casa, não teria transado com o

namorado, não teria acordado a tempo de ir para o trabalho, não teria acordado nunca.



Duas pessoas se encontram por acaso no Instituto de Arte de Chicago. A partir desse momento, Aldo Damiani e Charlotte Regan têm dificuldade de ficar longe um do outro.

Ele é um teórico antissocial que mantém a mente ocupada com cálculos sobre viagem no tempo e abelhas. Para Aldo, o mundo é caótico e perturbador. Então, ele constrói rotinas, regras e fórmulas. Sem isso, sua existência entraria em colapso.

Ela é uma falsificadora de arte que prefere mentiras a verdades. Para Regan, todas as pessoas são previsíveis e entediantes. Ela lida com o tédio da existência tomando decisões impulsivas, imaginando que uma nova linha do tempo é criada a cada ação.

Quando os caminhos dos dois se cruzam, eles ficam intrigados pela mente um do outro. Decidem ter apenas seis conversas, como as seis pontas de um hexágono, antes de se separarem outra vez. Porém, a colisão de suas personalidades leva a uma paixão que às vezes parece um encaixe perfeito e às vezes um desastre capaz de eliminar qualquer vestígio de estabilidade em suas vidas.

Uma leitura intensa e honesta, *Nós dois sozinhos no éter* traz uma reflexão profunda sobre vulnerabilidade, a natureza do amor e a complexidade de nos relacionarmos quando tudo dentro de nós está ruindo.

SAIBA MAIS:

<https://intrinsic.com.br/livro/nos-dois-sozinhos-no-eter/>

